

Cabaret Prevenção

Cabaret Prevenção

VAGNER DE ALMEIDA

Organizador

Rio de Janeiro:

ABIA

1997

Copyright 1997 - ABIA

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)

Rua 7 de Setembro, 48/12º Andar - 20050-000 - RJ

Tel.: (021)224-1654 . Fax: (021)224-3414

Email: abia@ax.apc.oy - Internet: <http://www.Ibase.org.br/-abia>

FICHA TÉCNICA

TEXTOS

Criação coletiva dos participantes da Oficina de Teatro Expressionista Sexualidade e AIDS.

AUTORES

Cláudio Carmadella, Marcos Santos, Marcos Morais, Marcelo Kata, Michel Nolelaty, Paulo José, Ricardo Assis, Ricardo Artud, Reinaldo Souza, Vagner de Almeida.

DIREÇÃO

Vagner de Almeida

ELENCO

Alex Barreto, Cláudio Abreu, Giorgio Ferreira, Ivan Gogh, Marcos Santos, Marcelo Kata, Michel Nolelaty, Sandro Shayman, Ricardo Artud, Ray Costa, Carlos Silva.

CABARET PREVENÇÃO fez parte do Projeto Homossexualidades, desenvolvido pela ABIA com o apoio do FHI / AIDSCAP/Brasil/USAID e do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde. A publicação do atual texto contou com o apoio do FHI/ AIDSCAP/Brasil/USAID.

A encenação da peça teve lugar no Teatro Alaska, no Rio de Janeiro entre janeiro e março de 1995.

REVISÃO DA PUBLICAÇÃO

Claudio Oliveira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, FOTOLITOS E PRODUÇÃO GRÁFICA:

A 4 Mãos Ltda.

Introdução

Tradicionalmente as respostas à AIDS têm enfatizado a informação e a escolha racional de mudar comportamento para se prevenir contra a epidemia de HIV/ AIDS.

O Projeto Homossexualidades tentou construir uma abordagem alternativa, trabalhando questões que tinham a ver com direitos de cidadania, opressão sexual e sexo mais seguro.

Dentro do leque de atividades desenvolvidas pelo projeto, a Oficina de teatro Expressionista Sexualidade e Aids e a peça CABARET PREVENÇXO desenvolveram uma leitura sobre a construção da epidemia de HIV/ AIDS, através de textos que procuraram analisar e demonstrar os processos sociais e as relações de poder envolvidas. Foi um trabalho de cara ter inédito, por ter a coragem de desnudar a moral de uma sociedade que subjuga, estigmatiza e subtrai a autoestima do ser humano.

O projeto Homossexualidades e a Oficina de Teatro Expressionista Sexualidade e AIDS, ofereceram aos participantes a possibilidade de se despirem dos preconceitos impostos pela sociedade. De forma prazerosa, as pessoas puderam trabalhar a linguagem expressionista usada na oficina, a qual ajudava a expressar os desafios do HIV/ AIDS, a violência urbana e doméstica, a convivência em parcerias e a solidão impingida pelo mundo moderno.

A elaboração dos textos e a montagem do espetáculo foram realizadas pelos participantes da oficina. Tanto quanto a peça, a oficina teve como objetivo principal a defesa e a valorização da diversidade sexual e da cidadania sexual, demonstrando com clareza e alegria que a luta contra AIDS depende fundamentalmente da nossa capacidade de quebrar as barreiras do preconceito e da discriminação, de trabalhar com coragem e esperança, com ousadia e amor.

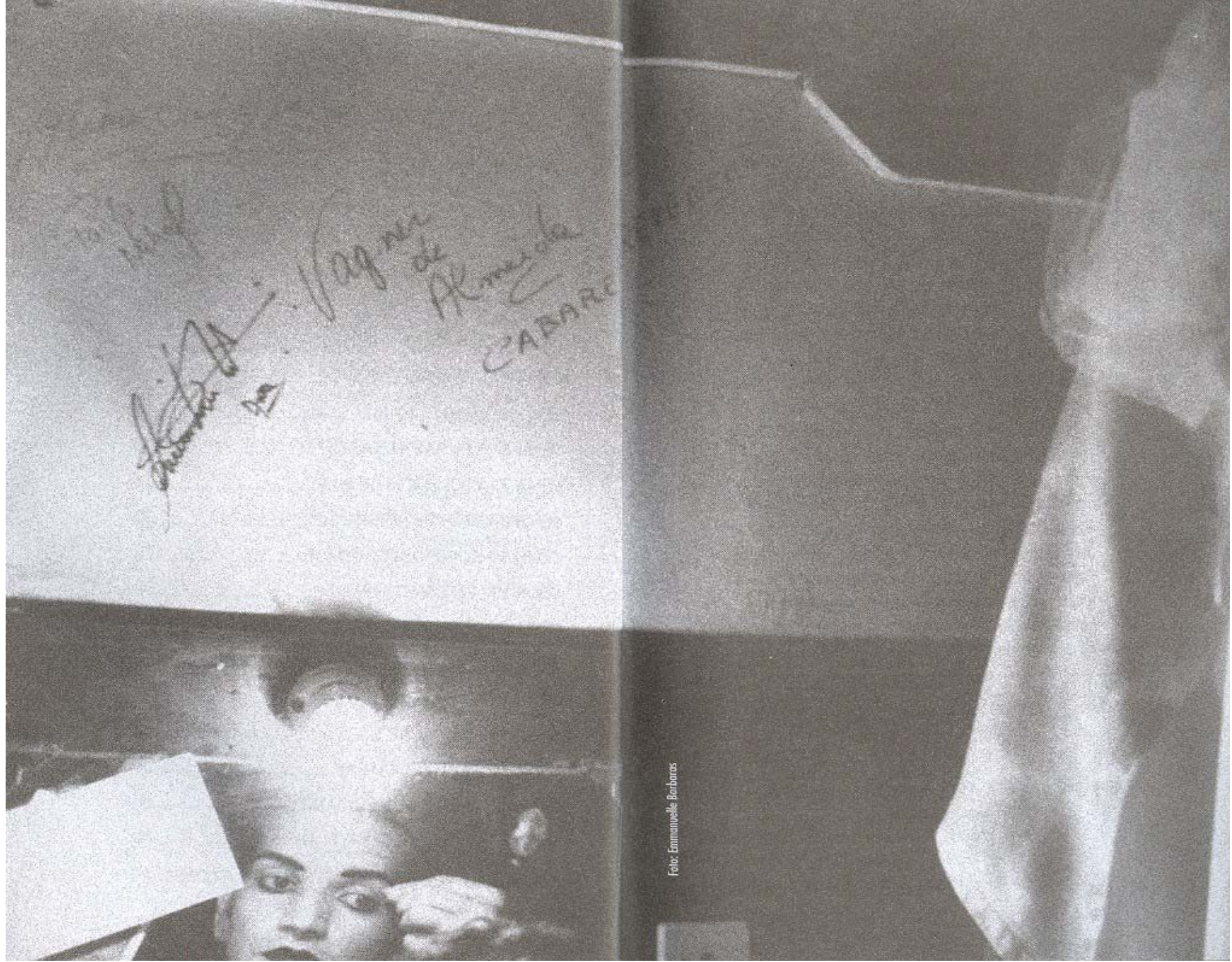
CABARET PREVENÇÃO foi uma fábrica de emoções onde juntos festejamos as vitórias e nos fortalecemos nas derrotas. Juntos percebemos que a disciplina e a solidariedade são fatores fundamentais para as grandes vitórias. Buscamos produzir benefícios ao ser humano, construindo assim um mundo melhor para todos, especialmente para aqueles que são segregados e violentados pelos olhares punitivos da sociedade.

VAGNER DE ALMEIDA

Coordenador da Oficina de Teatro Expressionista Sexualidade e AIDS.

Sumário

CENA 1 - ABERTURA	08
CENA 2 - ILLUSIONS	09
CENA 3 - ALEGRES PARA SEMPRE	11
CENA 4 - SEDUÇÃO	12
CENA 5 - WANT TO BUY SOME ILLUSIONS	15
CENA 6 - MEU PAU, MEU CU I	16
CENA 7 - VIOLÊNCIA DE RUA	19
CENA 8 - MEU PAU, MEU CU II	24
CENA 9 - SOROPOSITIVIDADE	26
CENA 10 - VIOLÊNCIA DE RUA	30
CENA 11 - EDUCAÇÃO NA DEMOCRACIA	33
CENA 12 - CAVALGADA	39
CENA 13 - O MACHÃO	40
CENA 14 - GAY X GAY	42
CENA 15 - MAMÃE SOU GAY	45
CENA 16 - MEU PAU, MEU CU III	48
CENA 17 - O FUZILAMENTO	54
CENA 18 - APRESENTAÇÃO FINAL DOS ATORES	55



Vaguer de l'Alameda
L'ADARE

Foto: Emmanuelle Barbaros

CENA 1

ABERTURA

As luzes do teatro se apagaram e a primeira canção da "ENYA", intitulada "WATERMARK", entra no áudio. Uma série de SLIDES é projetado no telão com temáticas homossexuais, com fotos do GAY PARADE de San Francisco, New York, Paris e fotos do cotidiano dos atores fazendo um trabalho de laboratório teatral nas ruas do Rio de Janeiro, sendo intercaladas com pôr-do-sol, florestas, flores, pássaros, praias e animais. Em cada parte da música, os atores cortam o palco vindos da direita, com expressões corporais expressionistas e com os corpos nus. Param por alguns segundos perante os SLIDES e somem no BLACK OUT do palco no lado esquerdo. No espaço de tempo entre a música, os SLIDES e os atores entra o primeiro texto no áudio. O ator que diz esse texto deve manter um tom de locutor, anunciador, ter uma voz empostada e pausada, não gritar, mas sim apresentar a abertura do espetáculo.

Apresentador: Boa noite, senhoras e senhores... amigos e tolerantes...
O Projeto Homossexualidades e a Oficina de Teatro Expressionista Sexualidade e Aids têm o dever social de apresentar para vocês "CABARET PREVENÇÃO"... Um grito de liberdade expressão no mundo dos homossexuais. Somos homens, que escolhemos como parceiro para amar, um outro homem.

Acabando essa cena o palco fica completamente vazio e a próxima cena aparece no centro do palco em um patamar mais alto. O ator vem do fundo do teatro até o meio e um coro fica atrás cantando a canção com o ator.

CENA 2

ILLUSIONS

Um ator interpreta a música de "UTE LEMPER", "WANT TO BUY SOME ILLUSIONS", com o coro de rapazes em um tom mais baixo do que o da intérprete. Os rapazes estão nus e divididos em grupos do lado direito e do lado esquerdo.



Foto: Emmanuelle Barbaras

CENA 3

ALEGRES PARA SEMPRE

Entra a música "ICH BIN DIE FESCHE LOLA", interpretada por "UTE UMPER", e todos os atores surgem vestidos com uma longa grinalda de noiva, feita de plumas, cobrindo as genitálias até se formarem em fila na boca de cena. Um ator apresenta o elenco.

Apresentador: Boa noite, senhoras e senhores!
CABARET PREVENÇÃO tem a honra de apresentar...

Todo o elenco grita a frase e abre as grinaldas para o público:

Todos: "MAMÃE, EU SOU GAY!"

LUZES

CENA 4

SEDUÇÃO

Entra a música "LES FEUILLES MORTES", interpretada por "UTE LEMPER", e 5 atores saem de diferentes partes do teatro, nus e com expressões corporais expressionistas. Os textos, quando falados, devem formar parcerias diversas. É formado um casal e um triângulo amoroso com os três restantes.

Personagem 1: A sedução consiste num jogo ardiloso, em que a linguagem do corpo torna-se determinante. Olhares, inflexões de fala, palavras soltas, sorrisos, silêncio, tudo, enfim, serve de instrumento para instauração da atração, deflagrada pelo sujeito em direção ao objeto de seu desejo.

Personagem 2: Pode acontecer a qualquer momento do dia ou da noite, em qualquer lugar. Andando na rua, na praia, de volta para a casa ou a caminho do trabalho, numa boate da vida ou na mesa de um bar. Brota quase sem querer, a partir de um gesto, um sorriso maroto ou um olhar, um toque, um jeito de ser, charme ao andar, dançar ou falar. Vai chegando com um chamego, provoca um arrepio, acendendo algo dentro e se deixa entrever, permitindo "se ler" no mais profundo do seu ser. E aí é uma viagem. Imagina-se o cheiro, o tato, o tirar a roupa bem devagar, a sensualidade e a suavidade de um sussurrar... assim, vai se dizendo verdades ou mentiras de amor... bobagens... de um recém-apaixonado ou coisas de ator.

Personagem 3: Sedução é tão somente querer algo a ponto de se imantar de adornos, protestos que compilem aquilo que se deseja. Ah! Pode estar no reflexo de cada um de nós, sem que ao menos percebamos. E se notamos... bom, aí, eu que não sou bobo, dou todo sinal de menino assustado, pudico, medroso, só para fazer cena, porque no meu eu, quero mais é que as luzes do palco se acendam.

Personagem 4: Eu me lembro da primeira vez que experimentei o poder da sedução. Eu tinha dezenove anos de idade quando conheci aquele que viria ser meu primeiro namorado. Ele era bem mais velho e experiente do que eu e soube como me envolver, como me encantar, como me seduzir. No princípio ele ficava só de longe, olhando com aqueles lindos olhos verdes, feito um gato maroto ,pesquisando sua presa. Depois veio a aproximação sutil, até o contato verbal. A princípio eu tinha pavor dele. Não podia fixar o seu olhar sem ficar um pouco embaraçado, com medo que ele percebesse o quanto me atraía. Naquela época eu ainda não conhecia nada do ser "entendido" que havia em mim, o que tornou tudo mais excitante para ele. Começamos, então, a conversar sobre coisas diversos, até que partimos para o pessoal. Nessa fase, a presa já estava totalmente envolvida e não foi difícil dar o bote final! O jogo da sedução estava concluído! Um jogo em que ambos são ganhadores, ambos devem subir ao "pódio" juntos e beber até a embriaguez total o delicioso néctar da conquista.

Personagem 5: Em um antigo dicionário, vejo que seduzir é inclinar artificialmente para o mal ou para erro; enganar arditosamente; desencaminhar; desonrar, valendo-se de promessas, encantos ou amavios; atrair; encantar; fascinar; revoltar; subornar para fins sediciosos". Inclinar para o mal: como pode aqueles que me convenceram a fazer alguma coisa boa quererem-me mal? Como pode o pôr-do-sol querer-me desonrar? Ou como pode a lua cheia sobre o mar enganar-me arditosamente? Mas, fora a sedução da natureza, será que os humanos induziram-me a fazer alguma coisa ou fui eu que deixei-me seduzir? Será que alguém realmente nos seduz ou deixamos, em uma farsa realista, que pensem que estamos fazendo aquilo que querem, quando na realidade estamos seguros e fazemos o que desejamos realmente? Eu penso que ninguém seduz ninguém! No fundo só ouvimos o que queremos ouvir, só vemos o que queremos ver e só fazemos o que queremos fazer.

BLACK OUT

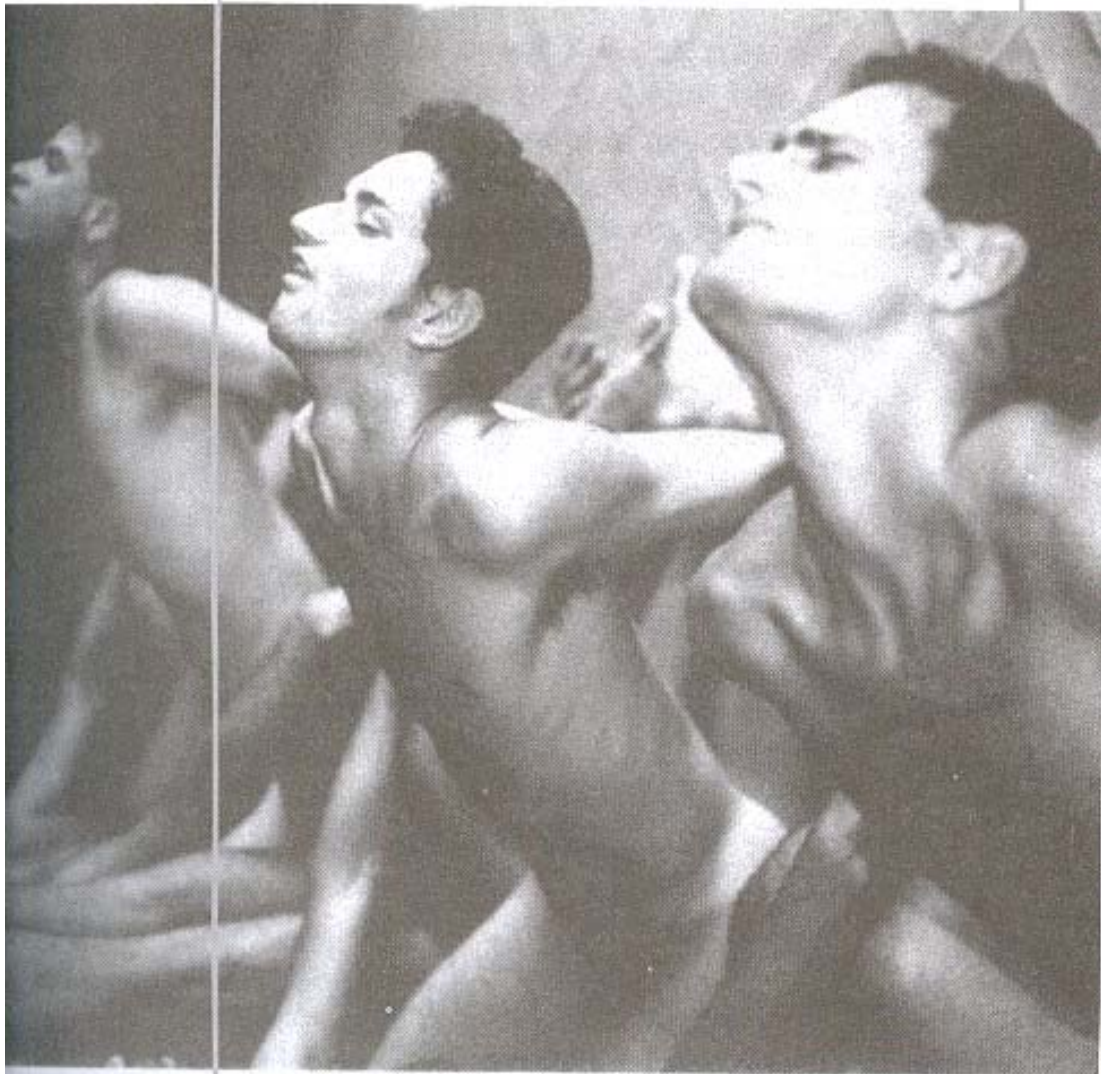


Foto: Vagner de Almeida

CENA 5

WANT TO BUY SOME ILLUSIONS

Dois atores interpretam a letra da música como duendes de um mercado de ilusões, os quais vendem emoções ao público. Os atores estão em um patamar mais alto no fundo do palco.

Quer comprar algumas ilusões?
Levemente usadas, de segunda mão?
Elas foram adoráveis ilusões,
Alcançaram as alturas, construídas na areia.
Elas tinham um "Q" de paraíso,
Um fascínio que você não pode explicar,
Neste louco paraíso,
Você se apaixona e sofre
Quer comprar algumas ilusões, levemente usadas
Quase novas?
Tão românticas ilusões, e são todas suas.
Eu as vendo todas por um centavo
Elas são pequenas lembranças
Levem minhas adoráveis ilusões,
Algumas por sorrisos, algumas por lágrimas.

CENA 6

MEU PAU, MEU CU I

Texto para dois atores que devem estar caracterizados de Pau e de Cu com todos os seu movimentos devem ser abertos e meio circenses. Cada ator deve sair de um dos lados do palco simultaneamente e se encontrar no meio frontal.

LUZES

Pau: E aí cheiroso, como é que você tem passado?

Cu: É, vou levando. E você? Como vai?

Pau: Se você vai levando, o que não me agrada muito, eu vou metendo por aí. Sabe como é, os dias andam difíceis, só levar não é muito bom, a gente tem que meter também.

Cu: E a família? Está crescendo?

Pau: Não! Atualmente ela tem ficado presa em camisinhas de tamanhos limitados. Não tem como se expandir. Mas por outro lado é até bom, as coisas andam meio apertadas por aí.

Cu: Eu que o diga meu amigo, eu sei bem o que é perto. E o que é pior, a situação não permite abusos nem alargamentos. Enquanto a AIDS for presidente e as DSTs formarem o ministério nesse nosso pequeno país, a solução é esperar para ver no que vai dar.

Pau: E se bem lhe conheço, dar é sua matéria predileta, não? Você... desde que me lembro, com nitidez, sempre foi muito freqüentado, e com essa História de alargamento de amizades você se largou em rígidos e roliços amigos.

Cu: Olha aqui, "pequeninho", não tenho culpa de você não ser tão freqüentado, e bem freqüentado, diga-se de passagem, como eu. Se sou querido, deve haver uma razão. Você não acha? Afinal, não sou nenhum fenômeno da mídia para ter tanta popularidade assim. Deve haver realmente um motivo para tanto assédio.

Pau: Mas há! Você sempre foi "opulento", e seus amigos roliços gostam disso. Dizem que você é tão macio, que sua maneira de demonstrar afeição é prazerosa e muito calorosa. Costumam dizer que você é profundo em suas reflexões, só não é muito agradável nos suspiros e sussurros. Alguns ainda passam despercebidos, mas outros não, e seus amigos demonstram logo preocupação pensando que você está mal.

Cu: Pois bem, hoje você está a fim de me sacanear, pois fique sabendo que já me enchi de você, se lhe interessa saber, eu nunca enchi o seu saco, justamente pra você não me foder a paciência, ainda porque, não viria de você, a foda que eu mereço. E quanto às minhas rígidas e roliças amizades, irei mantê-las até quando eu quiser e, querido, antes que eu me esqueça, vá para a puta que lhe pariu.

Pau: Poxa cheiroso, não era minha intenção lhe foder não, você até é bacana. Eu gosto pacas de você. Agora, cheiroso, de vez em quando o que me aborrece são as merdas que você faz, sem necessidade. Uma vez, foi um de seus amigos roliços que me contou o que você fez com ele, "sujou o cara na praça sem necessidade nenhuma". Pô cheiroso, mas como sei que você não vai mais fazer isso, eu lhe perdôo. Bye, cheiroso.

Cu: (Dá um peido para o público)

Pau: Outra vez, cheiroso?

BLACK OUT

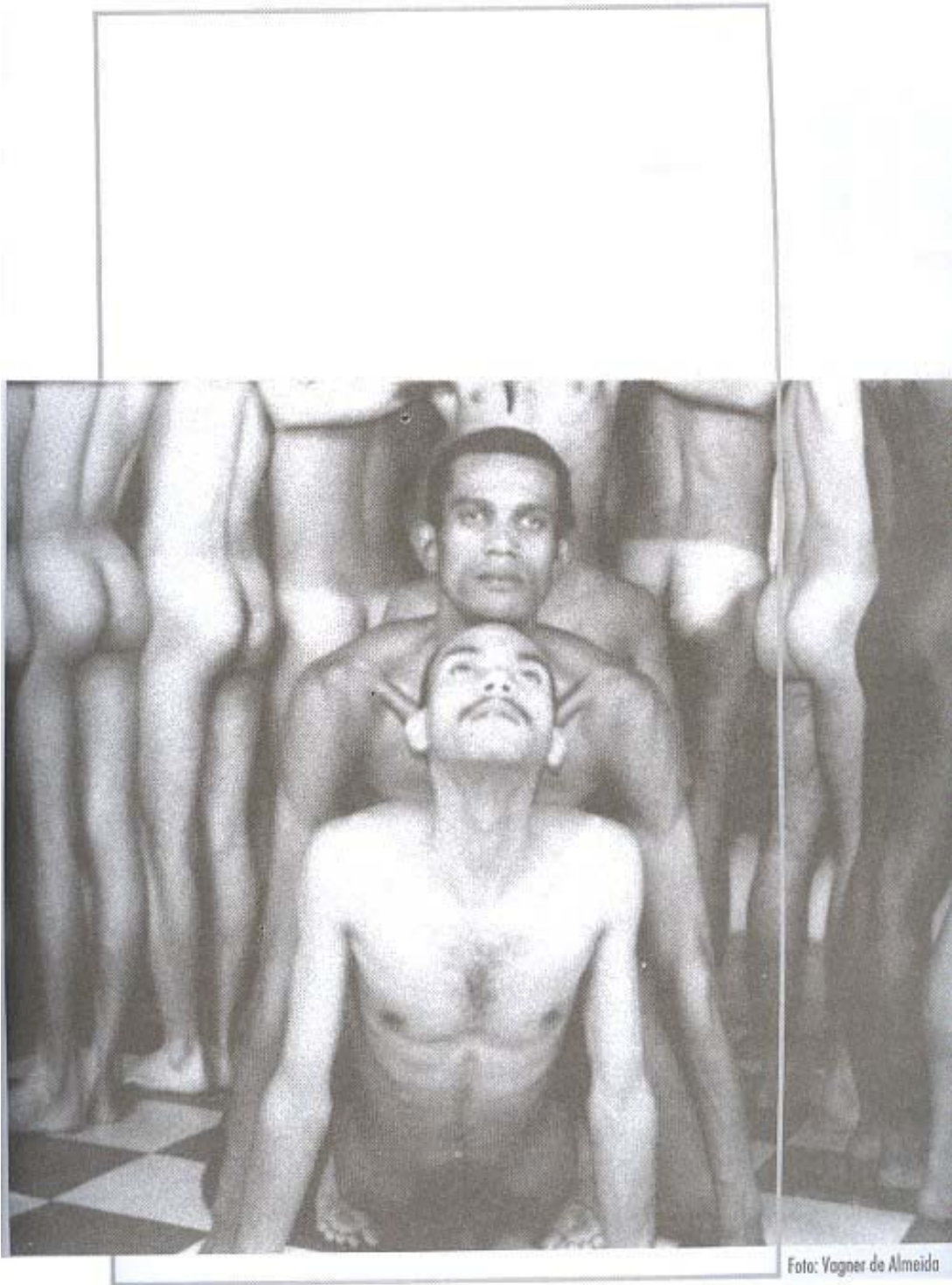


Foto: Vagner de Almeida

CENA 7

VIOLENCIA DE RUA

Texto elaborado para seis atores, sendo um mendigo, dois travestis [Renata e Joelma] uma dona de casa, um transformista e um louco. Este texto deve ser feito com efeitos da noite na rua de uma cidade grande em um dia chuvoso. As luzes se acendem e o mendigo sai do fundo direito até o centro do palco e fala o seu texto.

Mendigo:

Vejo homens e mulheres morando nas ruas...

Vejo homens e mulheres morrendo nas ruas...

Vejo homens e homens andando à noite pelas ruas... Vejo homens e homens se divertindo na escuridão das ruas... Vida cruel ou gloriosa?

Não se sabe...

Era por volta das nove e já chegavam os primeiros travestis. Era uma noite fria de inverno. Joelma já estava no seu ponto, quando Renata, outro travesti, se aproximou.

Renata sai do fundo esquerdo e vai para o direito. Ela fala seu texto andando de um lado para o outro no fundo do palco. Joelma sai do frontal direito para o esquerdo. Ela fala o seu texto andando de um lado para o outro na boca de cena.

Renata: Tá boa, bicha?

Joelma: Bicha é seu cu, seu viado recalçado.

Renata: Calma mulher, só estou brincando. Como está o movimento? O som de tiros, bam - bam - bam, três vezes. O transformista sai da direita para a esquerda do meio do teatro. Ele está com um defeito físico na perna direita e com as roupas todas rasgadas e ensangüentadas. Vai até o meio do palco e fala seu texto.

Travesti transformista:

Certa madrugada, chego assustado, o corpo todo lanhado, cabelos despenteados, as roupas rasgadas. Houve uma batida policial e apanhei muito. Para não ser autuado em flagrante por atentado ao pudor, fico sem dinheiro e ainda tenho que servir aos sete policiais como objeto de prazer. Passado um mês, parece que o acontecido começou a fazer parte de uma rotina não muito feliz. Quando voltava de uma boate, em Nova Iguaçu, onze pivetes, que na ocasião saíam de um baile *funk*, me abordaram no ônibus, devido aos meus trajes de mulher e me estruparam ali mesmo, com naturalidade, diante aos demais passageiros. Desta vez tive que ficar 20 dias no hospital para me restabelecer. Não satisfeito, fugi de casa e, para me manter, passei a atravessar drogas nas portas das boates badaladas do Grande Rio. Chega a ser horrível tal mudança. Um jovem que fora concebido num lar com amor, se defronta com um submundo de desrespeito ao ser humano.

O louco vem catando lixo do fundo central do palco até os personagens, que são um narrador, michê, uma esposa, um esposo chamado Roberto e um filho. O narrador se encontra sentado no meio do palco nu, com um boneco de pano de tamanho grande e com os braços cortados. O Michê deve estar enrolado em uma toalha branca com dois chicotes negros na mão. O michê sai do frontal esquerdo e vai até o meio central, criando assim um triângulo cênico. Roberto [esposo] está usando uma roupa clássica [um terno] e faltando algumas partes, como a manga do paletó e uma das pernas da calça. Deve-se ter atenção para que as partes que faltam estejam em lados opostos. Roberto sai do fundo esquerdo para o frontal esquerdo. A esposa traz um cobertor sobre as costas e uma panela de comida vazia na cabeça referindo-se a uma toca de dormir. O filho deve se compor com um pijama branco ou em cores claras manchadas em vermelho, também faltando as partes de uma manga e de uma perna. Observar para que os lados não sejam o mesmo do pai. A esposa e o filho saem do fundo direito e vão até o fundo central.

LUZES

Narrador: Seis horas da tarde, final de expediente, e Roberto, ao invés de ir para casa, vai para o terminal rodoviário. Um moreno vem subindo as escadas rolantes e Roberto crava os olhos nele. Pernas bem torneadas, cabelos lisos, de camiseta, tênis e um *short* apertado, que lhe realça o volume do pau. Roberto o segue com o olhar e quando o moreno entra no banheiro Roberto vai atrás. Finge mijar mas de olho naquele caralho maravilhoso, o moreno percebe e é direto...

Michê: Vai custar para você dez reais.

Roberto: Tudo bem.

Narrador: No motel, Roberto explica o que o moreno deve fazer. Com os lençóis, Roberto é amarrado na cama e o moreno começa a surrá-lo.

Roberto: Não, mãezinha, pare por favor, eu juro que não fiz nada.

Michê: Cachorro, puto, então é para isso que eu te crio, para você ficar se esfregando com homem no mato?

Narrador: O moreno continua a surrá-lo até a pele de Roberto ficar toda vermelha. Então o moreno pára, senta na cama, desamarra Roberto, põe a cabeça dele no seu colo e oferece o pau para ele chupar.

Michê: Tome, lindinho, meu leitinho, mame tudinho pra você crescer e ficar um homenzinho bem forte.

Narrador: Roberto segura o pau do moreno com as duas mãos e chupa com avidez.

Michê: Ah! Pára um pouco, senão eu vou gozar.

Roberto: Isso, goza! Goza na minha cara. Me molhe todo. Goza! Goza!

Narrador: Roberto recebe um jato quente de esperma na cara, viscoso, em abundância e espalha aquela porra toda pelo corpo, se lambuza. Os dois se banham, se vestem, Roberto dá os dez reais e mais o dinheiro para o táxi. Onze horas da noite e Roberto chega em casa. A mulher dorme. Ele a sacode brutalmente e ordena que esquente a comida. A mulher reclama: são onze horas! Ela está cansada.

Esposa: Será que você mesmo não pode esquentar a sua própria comida?

Roberto: Não reclama, porra. Faz o que eu estou mandando e vamos logo que eu tô morrendo de fome.

Narrador: O barulho de vozes acorda seu filho.

Roberto: O que é que a donzela tá fazendo acordada a esta hora?

Esposa: Não fala assim com o menino! Ele tem nome e é seu filho!

Roberto: Infelizmente! Antes não fosse. Meu único filho: um viadinho, uma bichinha.

Narrador: O filho não diz uma só palavra. Encara o pai com um olhar gelado.

Roberto: Tá olhando o quê? A mocinha! Vá dormir! E essa comida não sai?

Narrador: A mulher se aborrece e manda ele mesmo esquentar a comida. Pega o filho pelo braço e quando os dois vão saindo da cozinha Roberto acerta um tapa espetacular no rosto da mulher que cai sobre as cadeiras.

Roberto continua na mesma posição cênica a qual entrou. Faz a expressão de um tapa na face da esposa. Ela faz a expressão de o ter recebido.

Roberto: Você vai fazer o que eu tô mandando! Agora!

Narrador: A mulher levanta cambaleante. Com o rosto banhado em lágrimas, vai para a beira do fogão. Júnior fica parado, encara o pai, olha firme no fundo de seus olhos. Roberto não consegue sustentar o olhar do filho e sai da cozinha resmungando. Vai pro banheiro tomar banho e quando tira a camisa vê que ela está manchada com a porra do moreno. Olha-se no espelho e vê as marcas vermelhas no seu corpo. Roberto suspira fundo, cheira a camisa, passa a língua na porra seca e começa a soluçar, mas não chora. Segura as lágrimas. Afinal é ele quem sempre repete para o filho...

Roberto: "Homem que é homem não chora de jeito nenhum".

BLACK OUT

CENA 8

MEU PAU, MEU CU II

Texto para dois atores, não sendo os que fizeram o primeiro texto com o mesmo tema. Os personagens Pau e Cu dessa vez devem ser meio sonolentos e apaixonados. O indumentário deve ser o mesmo para que haja uma seqüência na peça.

LUZES

Pau: Bom dia, cu.

Cu: Bom dia, pau.

Pau: Há muito que não visito as xoxotas, os edis. Estou tão sonolento.

Cu: Aproveita a ociosidade para meditar no porto vazio e na âncora partida... e na espera.

Pau: Eu não posso crer! Através de você, merda escoá, escoá... e você diz da espera: deve ser a espera da bosta ou a impetuosidade das trombetas gasosas.

Cu: Espera de um corpo que preencha, que lateje, que complete essa fenda que freme de desejo...

Pau: Não acredito! Um cu poeta... por pouco punheta.

Cu: Aquele que, mutilado aguarda, tem na passividade todo um motor de emoções ligado ao frenesi de fechamentos...

Pau: Não sei o que houve, mas cresce... tá crescendo...

Cu: Que foi?

Pau: Tenho vontade de "te" comer.

Cu: Seria lindo, pleno... e na poça, nosso retrato.

BLACK-OUT

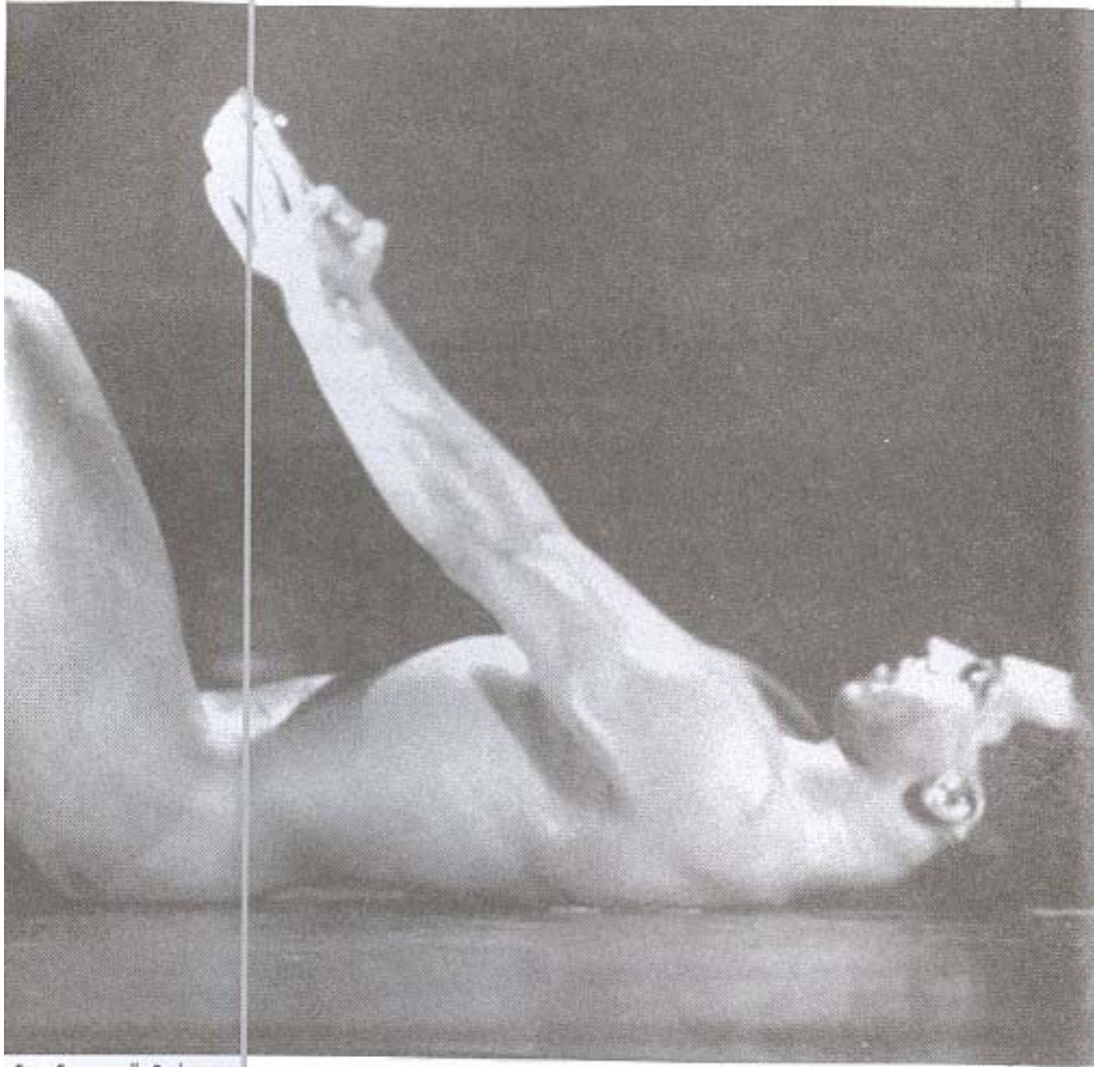


Foto: Emmanuelle Barbaras

CENA 9

SOROPOSITIVIDADE

Texto para onze atores ou apenas um, ficando a critério do diretor. Os personagens são uma mãe-de-santo, um pastor, um louco, um policial, um surfista, um metaleiro, uma prostituta, um travesti, um operário, um mendigo e uma dona de casa. Cada ator deve tomar um posição no palco e entrar em cena já interpretando os seus textos. Devem ser trabalhados muitos ruídos, com os atores criando sons ao vivo. Cada um sai de um canto do palco com expressões corporais diversas. A policial é o único personagem que não possui fala. Ele fica na boca de cena se mutilando como um masoquista. Se espanca com chicotes.

LUZES

Surfista: Primeiro eu chorei! Não podia acreditar naquele papel... Um simples papel. De um lado, um nome de mulher bonita: Elisa; e do outro, um positivo. Por dentro, como o sentido da palavra muda... Neguei! Não era possível! Isso não aconteceria comigo. Mais uns dias de tensão e de esperanças falsas...

Outro positivo! E aí, mais choro. E revolta... Deus! Que Deus é esse que me condena à morte? Que Deus que me julga e me sentencia pelo único cri me que eu cometi na vida? Amar por inteiro, sem barreiras, ser macho, ser fêmea, confiando. Como podia imaginar que aquele que dormia comigo e que me dizia que me amava e me amava mesmo, estivesse doente? Da minha descoberta ao seu óbito, menos de um ano.

Metaleiro: Não estávamos mais juntos, mas eu estava forte, gordo, corado. Não, não podia ser; mas estava ali, o segundo e definitivo. Então nego esse Deus, Deus cruel, maldito e inexistente, e da raiva vem a apatia. Que se dane o mundo! Que eu quero morrer em paz, sossegado, sem ninguém para me encher! Mas a morte não veio.

- Pastor:** Já que não veio, então eu que me preparasse para ela. Como? Deus! Se ele me adoeceu, é porque eu pequei, então se eu me arrepender, ele me salvará. E aí, os hinos, terços, novenas, promessas, orações, arrependimentos... Não! Eu não posso ser culpado! Eu não tenho culpa! Mas se sou, eu me arrependo! Ah! Aqueles homens engravatados pondo suas mãos em mim... "Sai! Sai! Sai, Satanás, que entrou no corpo desse filho de Deus que agora se arrepende! Em nome de Jesus, eu te ordeno; sai! E o terceiro exame positivo.
- Mãe-de-santo:** Mas não, eu vou lutar! Rodei giras, matei animais, búzios, tarô, mentalizações, cristais... Com as primeiras diarreias vieram a consciência e o tratamento. Era a única coisa a fazer, só assim eu me agarraria à vida.
- Operário:** E aí começou outra tortura, até mesmo os familiares mais próximos se afastaram. Olham onde põe a mão, o prato que se come, o talher que se usa, lavam-se após um aperto de mão, não nos beijam... O resto da família finge que eu estou com leucemia e eu finjo que eles não sabem. Uma bicha aidética na família é muito humilhante.
- Louco:** Amigos que julgamos serem amigos somem, outros que julgamos serem apenas conhecidos revelam-se. A demissão sem justa causa, mas para os colegas de trabalho por causa justa! E a falta de médicos, remédios insuficientes e caros, não há leitos Para as internações, as intermináveis terapias e os contatos com os outros iguais. Tudo é tortura!
- Prostituta:** Numa sala de espera de um hospital encontro Eduardo. Tão jovem. Pouco mais de vinte anos. Passamos a fazer parte do mesmo grupo de psicoterapia. Eu, ele e mais quatro desenganados pelos mais diversos motivos. Eduardo, seus cabelos renascendo após o tratamento de quimioterapia para evitar a metástase, estava engordando novamente, livrando-se do cobalto. Há seis meses, num último esforço, lhe tiraram o duodeno. O câncer, aparentemente estancou, mas a ligação direta entre o estômago e o intestino não lhe

daria uma sobrinha maior que oito anos, mas ele tinha um brilho alegre nos olhos e um sorriso infantil que me estimulava.

Travesti: "A solidariedade é maior entre os iguais". Da licitude à cama um passo. "Queremos viver" gritamos juntos. Recomeçamos a vida. É fácil lutar quando temos a quem receber. Ajudávamos e éramos ajudados. Grupos de apoio. Tentávamos interações para os de pior estado; visitávamos hospitais; catávamos remédios; ONGs. Enfim, viramos militantes. Fazíamos o que podíamos para ajudar .os que estavam em pior estado que o nosso. Tentávamos suprir o que o Estado não pode ou não quer fazer! Chorávamos juntos as derrotas e festejávamos juntos as vitórias.

Mendigo: E, assim, juntos, o tempo passou, passou rápido, mas não tão rápido quanto o ônibus que avançou o sinal e o levou antes do câncer. E aí, tudo voltou, mais choro, mais depressões, mais negações. Só que agora eu não estava mais só, tinha amigos que ficaram ao meu lado. Tinha por quem e por que lutar. Primeiro por mim: eu mereço ser feliz. Ninguém sabe quando vai. Dito assim, até parece lugar- comum, mas Eduardo achava que sabia! Depois: o mundo está aí e há tanto para se fazer enquanto se está nele.

Dona de casa: Hoje, eu ainda choro. No escuro do quarto, penso no que não terei tempo de fazer. Mas o riso de Eduardo e dos que ajudamos vêm assombrar a minha tristeza. Então olho seu retrato e o beijo. Lembro que ele dizia que devemos viver um dia de cada vez. Mais calmo, espero sem pressa, o dia em que estaremos juntos de novo.

Todos: Nós te amamos, Eduardo!

O policial continua se flagelando com o chicote e não sai de cena. Ele participará da próxima cena no mesmo lugar no palco, o frontal direito. Há uma mudança nas luzes, mas não há BLACK OUT.

CENA 10

VIOLÊNCIA DE RUA

Texto para seis atores, sendo um narrador louco, um travesti, um mendigo, um viciado, um policial jovem na carreira, um policial corrupto, nazista e homófobo. A cena deve dar um destaque para os três personagens, travesti, mendigo e usuário de drogas, os quais só trabalharão expressões corporais quando estiverem sofrendo agressões físicas do policial corrupto. no centro do palco. O travesti sai do fundo central para o centro, o mendigo do meio central esquerdo para o centro, e o usuário de drogas do meio central direito para o centro. O policial corrupto sai do frontal esquerdo até o frontal direito, aonde o policial jovem está. O narrador está em um patamar mais alto no fundo central. O local da cena deve ser visualizado em um beco escuro de uma cidade grande.

Narrador louco: Evandro, PM recém saído da academia, se prepara para a sua primeira ronda.

Seu colega, Da Silva, cana velho, já não sabe diferenciar o certo do errado. Tentou várias provas para sargento e é sempre o "injustiçado".

Policial corrupto: Olhaí, tu é cana novo, franguinho de academia, tá achando que sabe tudo. Mas aqui na ronda as coisa é diferente. Tem muito jeito de arrumar um pur fora, mermo quando os home do bicho não canta. Qué sabê? Já ví que tu é dos meu! Legal. Bom, mais fácil é lá no Aterro do Framengo. De vez em quando a gente vamo lá e pegamo um ou dois punheteiro e finge que dá uma dura. É só ameaçar que vai pro distrito que eles canta bunitinho nas mão da gente. A gente sempre pegamos os que tem cara de boboca, dotôzinho, *playboy*! Eles fica branco, cara! Se é di menor então, ih! É mais fácil ainda! Eles tem um medo de juizado que se caga todo. Outra coisa é catá puta na Atrântica, mermo quando não tem grana pelo menos uma chupada de graça sai, se tu quizé uma grana mais alta, mas tu pode se fudê também, é só falar

comigo! Eu tenho uns contato na baixada e lá o que conta pra bandido xulé não é martelo de juiz, mas é grito de três-oitão. As vês a gente apagamos uns traveca na Dutra pra treiná. Outra coisa, num se mete com essa raça de travesti que é tudo braba; só se for prá apagá ou então prá registrá a ocorrência. E nun liga muito não, se tiver morto, é menos um. Essa raça é pior que pivete, num serve pra nada mermo. Tu pode achá que eu sô durão, mas depois de tudo que eu já vi na rua: nada mais me assusta! É viado que apanha de macho, leva suadôro e vai chorá na viatura... O que cê faz? Dá outra porrada pra ele aprendê a ser home e deixa de ser boboca! Onde Já se viu? Nego que dá o cu querê ter direito? E, já vi que tu é um cara esperto! Tu vai se dá bem. Só tem uma coisa, conselho de pai, tá? Hoje não é mais como antigamente que num saía nada no jornal. Hoje tu ainda pode fazê tudo que fazia antes, só tem que sê mais esperto, porque hoje esses jornalista de merda fala e fala alto. A gente queremo limpá a cidade e em vez deles agradecê fica falando mal da gente. Mas é isso aí. Vamo nessa! Que São Jorge nos acompanhe! Toca a Joanhinha, que hoje ainda nós come viado e fecha travesti.

BLACK OUT

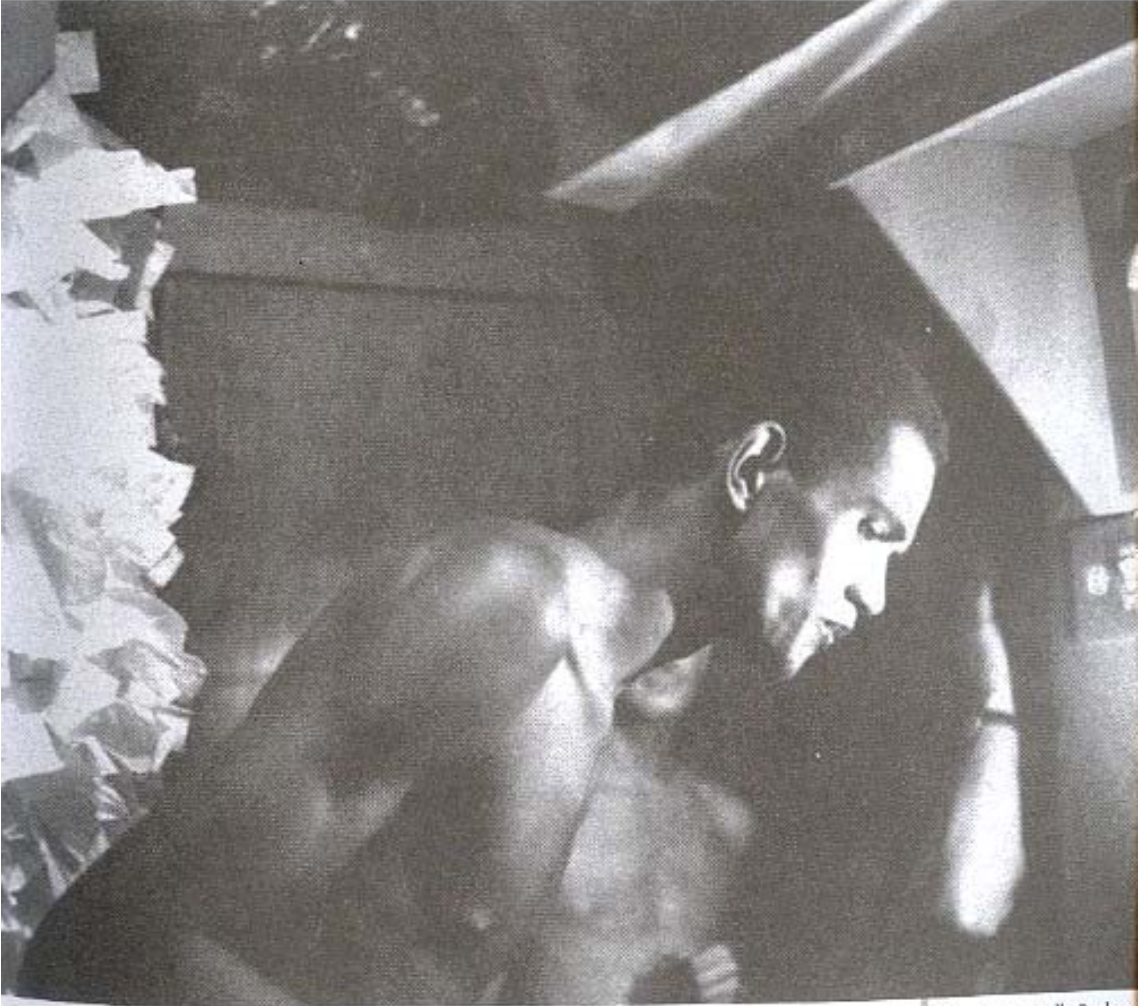


Foto: Emmanuelle Barbore

CENA 11

EDUCAÇÃO NA DEMOCRACIA

Texto para quatro atores: um professor, um travesti, um gay [bem afetado, mas não travesti] e um usuário de drogas injetáveis. O professor sai do frontal esquerdo. O travesti sai do fundo esquerdo e vai para o frontal central. O gay sai do fundo direito e vai para o frontal central. O usuário de drogas sai do frontal e vai para o frontal central.

LUZES

Professor: Fizeram o dever de casa? Praticaram? Trouxeram o que foi solicitado?

Todos: Sim, Professor!

Professor: Estamos aqui para informar e não para reprovar.

Usuário de drogas:
Na democracia.

Professor: Todos prontos?

Todos: Sim, professor!

Professor: Muito bem.

Travesti: Mas que frescura da porra!

Professor: Angelita, mas você trouxe um aipim?

Travesti: Eu gosto de macaxeira... Ó xente!

Professor: Angelita, o que é uma camisinha?

Travesti: Ih! Só faltava essa pro meu lado.

Gay: Eu sei, professor!

Travesti: Lá vem bobagem.

Gay: Uma camisinha é uma coisinha que é colocada no pênis antes de uma relação sexual. Eu li na revista.

Professor: Nota 10 para um aluno informado.

Travesti: Macho não usa isto.

Usuário de drogas:
Que nada, malandra!

Travesti: Não gosto e a turma também não gosta. Não é a mesma coisa que o natural. Os fregueses dizem que arde e só querem ao vivo.

Professor: Nota zero para vocês. O preservativo, ou vulgo camisinha de vênus ou vento, ajuda a proteger a contaminação de doenças sexuais, pois ela evita a passagem de bactérias e vírus que transmitem a doença.

Gay: Eu li isto também.

Professor: O preservativo tem sido apresentado para reduzir a expansão, a dilatação, a difusão de certas doenças como AIDS, gonorréia...

Travesti: Ih! Já tive tantas que já até esqueci os nomes.

Professor: Herpes...

Travesti: Também tenho e peguei lá na geral do hospital com a turma do plantão da noite.

Professor: Verrugas genitais, sífilis e tudo o mais.

Gay: Ela tem isso tudo!

Professor: Como usar o preservativo?

Gay: Ih! Sei também, professor.

Travesti: Já leu na revista também...

Professor: Use o preservativo todas as vezes que você tiver uma relação sexual.

Travesti: Ô xente! Todas as vezes? Não vou parar de usar camisinha de vento.

Professor: Guarde-o em um lugar fresco.

Gay: É comigo mesmo!

Professor: Seco... e não use em carteiras.

Travesti: Vai na bolsa do ganha pão.

Professor: Coloque a camisinha no pênis ereto, antes da relação.

Usuário de drogas:
Vai ser difícil, quando estou pra lá de marraqueche com o pó e a verdinha na cuca.

Professor: O fluido da pré-ejaculação pode conter bactérias e vírus.

Gay: Não se deve chupar sem camisinha.

Travesti: Leu na revista.

Professor: Abra o pacote cuidadosamente.

Usuário de drogas:
Como o pacote da branquinha.

Professor: Caso haja ar na camisinha, esvazie-a completamente.

Travesti: Já começou a complicar.

- Professor:** Desenrole a camisinha para cobrir o pênis to talmente.
- Gay e travesti:** Pênis! Que coisa boa!
- Usuário de drogas:**
Xota é mais melhor!
- Professor:** Se você preferir mais lubrificante, use um lubrificante adequado.
- Usuário de drogas:**
Eu uso é cuspe mermo.
- Travesti:** Eu xapuletu é vaselina nu freguês. Creme da Davão é mucho bom.
- Gay:** Não se deve usar vaselina nem cremes ordinários. Eu li na revista.
- Travesti:** Quem disse que meu creme Davão é ordinário?
- Professor:** Após a ejaculação tirar o pênis antes que ele amoleça segurando na base da camisinha. Assim ele não soltará, não escapará.
- Travesti:** Que bom! Não soltará, não escapará, permanecerá para sempre.
- Professor:** Use outra camisinha se a relação é repetida.
- Usuário de drogas:**
Ih! Dá mucho trabalho.
- Travesti:** Gasta muito. Vai ficar caro a trepada.
- Professor:** Nunca teste a camisinha enchendo-a de ar ou esticando-a.
- Travesti:** No escuro vai até pelo avesso.

Professor: Nunca reutilize a camisinha novamente, escutaram?

Usuário de drogas:
Nem lavando?

Gay: Não! Eu li...

Travesti e Usuário de drogas:
Na revista, CHATO!

Professor: Agora que todos estão informados, vamos à prática.

Travesti: Blá, blá, blá. blá, blá, blá. blá,blá, blá. Je sui, je va à luta.

O grupo de alunos faz uma fila em frente ao palco e fala:

Gay: Eu sei que a vida está difícil para todos, mas a vida está aí para ser vivida.

Usuário de drogas:
Camisinhas são baratas. Por que então não usá-las?

Travesti: São vendidas em todas as farmácias, lojas e supermercados e são dadas também.

Professor: Ela toma talvez só 20 segundos para ser colo cada.

Gay: São somente 20 segundos de sua vida, a ser ainda vivida.

Professor: Você facilmente pode aprender a usar uma camisinha. Pergunte quem sabe. Não é vergonha se informar.

Usuário de drogas:

Uma camisinha pode parar a difusão da AIDS. Então, por que não usá-la?

Professor:

São só 20 segundos da sua vida.

BLACK OUT

CENA 12

CAVALGADA

Nesta cena não há texto. Ela é formada por cinco atores travestidos e dois atores no meio do palco e nus, que fazem uma cena de sedução e paixão relacionada à canção "CAVALGADA", de "ROBERTO CARLOS" e interpretada por "FAFÁ DE BELÉM". Os travestis transformistas dublam em trajes de estilos diferentes, nas cores preta, vermelha e roxa. Cada personagem transformista representa uma fase de suas carreiras. O primeiro está no auge da fama se encontra em um patamar mais alto no fundo do palco e com um grande foco de luz branca sobre sua cabeça. O segundo é um fracassado que vive nas drogas - está no meio central esquerda do palco. O terceiro vive do sucesso do passado está no frontal direito do palco. O quarto é um louco que não se encontra em lugar nenhum - está no meio central direito do palco. O quinto é uma alcoólatra velha e decadente - está no frontal esquerdo do palco.

CENA 13

O MACHÃO

Texto para quatro atores, sendo dois narradores, um homossexual e um machão que usa sexualmente um outro homem e depois o agride. O texto dos narradores deve ser interpretado junto e em voz alta. Os personagens dos narradores são dois lutadores de boxe, o homossexual é muito frágil e submisso e o machão faz um estilo gigolô latino-americano. Os narradores estão no fundo central do palco em um patamar mais alto, o homossexual está no centro do palco em posição de joelhos, e o machão está no centro do palco em pé e com os músculos do braço sendo apresentados para o público. Deve ser desenvolvido um trabalho de corpo onde a violência física deve prevalecer, traduzindo também a violência doméstica.

LUZES

Narradores: O machão se pudesse extirparia as próprias glândulas lacrimais, para não correr o risco de "escorregar" e deixar que vejam o quanto é frágil.

Machão: Eu sou é muito macho!

Homossexual: Bem que o Aurélio nos fala: "Macho, é o indivíduo que alardeia ridiculamente a sua masculinidade."

Machão: Viado é tudo uma praga! Raça de gente afrescalhada! Meto o pau nessas porras mesmo. Só servem pra isso. Ontem mesmo comi um. Vejam só vocês, na hora em que eu ia gozando naquele cu de merda, não é que o filho da puta vira para mim e diz que eu sou o gay da vida dele. Além de me xingar, o desgraçado ainda me diminui. Ah! Chapuletei a mão nos cornos do infeliz. Num instante se comportou de novo. Aí eu gozei.

BLACK OUT



Foto: Vagner de Almeida

CENA 14

GAY x GAY

Texto para três atores travestidos chamados Marco, Cláudio e Macaca Preta, sendo que Marcos e Cláudio saem de lados diferentes das coxias e falam o texto andando de um lado para o outro em sentidos contrários. O ritmo deve ser muito bem ensaiado, pois o mesmo movimento do andar deve coincidir com o texto interpretado. A Macaca Preta só entra em cena quando é mencionada no texto pelo Cláudio. A característica desse personagem é fisicamente torta, contorcida e fixa - só as pernas se movem; os pés se arrastam.

LUZES

- Marco:** Oi mona retreteira, tudo bem?
- Cláudio:** Mona retreteira é o caralho! Já falei que não gosto disso!
- Marco:** IIIIIH! Ela hoje "tá" azedinha. Diz pra mamãe o que é que NÃO aconteceu dessa vez?
- Cláudio:** Gente! Vocês só pensam em sacanagem, o tempo todo é esse inferno, ai... que saco!
- Marco:** Tudo bem... tudo bem... vamos mudar de assunto então "reverenda madre". Você vai à festa na casa do Vagner?
- Cláudio:** Naquele puteiro? Nunca! Só tem viado escroto. Uma bicharada afetada. Um bando de pintosas. Prefiro ir tomar chá no Amarelinho.
- Marco:** Não! Pára de *show*, desce do palco que o seu ato foi cancelado querida. Não vem de "EQUE" pro meu lado não. Você também dá umas boas pintas quando está colocada, perdão, colocado, esqueci que você é bofe.

Cláudio: Bofe não, discreto.

Marco: Pombas Cláudio, o cara fez a maior questão de lhe convidar e você vai fazer pouco caso?

Cláudio: Não estou a fim de festinha no "Clube do Bolinha", ainda mais que aquela outra "macaca" vai estar lá, além de "preta" é pobre.

Entra a Macaca Preta. Se coloca no frontal central do palco.

Marco: Meu Deus, quanta amargura, "tô" ficando empolada. Ai, socorro!

Cláudio: Você deve selecionar mais suas amizades, parar de andar com esse bando de viados. E ainda tem aquele monstro que se diz travesti, só que mais parece as sobras do Frankstein.

Marco: "Tô" ficando enjoada... acho que vou vomitar...

Cláudio: E falando no "cão", olha ele aí. Eu vou nessa. Não estou a fim de cruzar com essa trava cafona e mal bombada.

Marco: Tchau, amor! Vai pela sombra e cuidado com as cobras no caminho. É proibido morder as coitadinhas.

Na hora em que Cláudio sai de cena, recebe um feitiço da Macaco Preta e começa estrebuchar no chão e vai saindo se arrastando. A Macaco Preta dá uma gargalhada macabra e vai saindo para o fundo central, desaparecendo na escuridão.

BLACK OUT



Foto: Vagner de Almeida

CENA 15

MAMÃE EU SOU GAY

Texto para quatro atores, sendo três homossexuais com problemáticas diferentes e uma mãe liberal. Cada ator deverá contar a sua história de amor e desilusão ao revelar aos pais que é gay.

LUZES

O homossexual 1 e o homossexual 2 saem juntos do fundo direito e vão para o frontal central, abraçados. O homossexual 3 sai do fundo esquerdo do palco e vai até o frontal esquerdo, nu e com um véu longo roxo sobre os ombros.

Homossexual 1: Quando falei para minha mãe que era *gay*, senti no seu olhar um ar de decepção. Ela, que sempre teve confiança na educação que me deu. Depois do que eu falei, toda a educação que ela tinha me dado não valia de nada. Ela me levou ao psicólogo. Foi perda de tempo porque só nos agredimos. Depois de estar mais conformada, ela percebeu que tinha sido uma opção minha, ou seja, um homem que gosta de fazer sexo com outro homem.

Homossexual 2: Comentários maldosos mamãe sempre ouvira, até mesmo de meus irmãos, mas ela nunca me questionou. Porém como eu insistia em não me assumir ela resolvera agir. Tarde da noite, eu e Renato na pista da dança, suando, se abraçando, se beijando, se expondo. Quando voltamos a mesa, meu coração disparou: sentada, minha mãe me aguardava. Covarde, eu quis voltar, mas Renato não deixou e nos sentamos de frente para mamãe. Ela me olhou bem no fundo dos olhos, mas eu não consegui sustentar o olhar.

A mãe está no fundo do palco com um grande chapéu negro e um longo tecido verde-alface descendo por seu corpo.

Mãe: Você pensou que eu ia fazer escândalo, não? Pois saiba que eu não ia rejeitar meu próprio filho somente porque ele ama outro homem. Que eu saiba, nunca lhe dei motivos para pensar assim.

Homossexual 3: Sinto um vazio enorme, uma solidão tremenda, tenho medo, alegria e tristeza. Sinto algo diferente, acho que vou... não sei. Olhe para mim, mas não me olhe de igual. Não permita que se distancie jamais estes poucos, porém eternos momentos. Não diga que me aceita! Está tudo bem! Você não me aceita, me ignora e de mim se desfaz. Olha para mim e diga: Não lhe aceito, mas vou tentar. Só peço paciência. É novo! Hei de me acostumar. E eu na maior felicidade aguardarei, sem jamais cansar. Só te peço: Não diga que me aceita, está tudo bem e não está. Não me negue sua presença. Divida comigo momentos tristes, mas divida também sua felicidade, seu sorriso, sua plenitude e sua serenidade. Não sufoque o meu ser, o nosso ser com sua apatia, toda vez que a você me dirijo. Sinta comigo a felicidade da minha vitória, toda vez que a você levo mais uma conquista! Traga a tona nosso passado onde éramos mais, sem sermos menos, onde éramos amigos, mais que mãe e filho. Antes que eu faça do nosso futuro um passado sombrio. Mamãe, eu amo você! E você?

BLACK OUT



Foto: Vagner de Almeida

CENA 16

MEU PAU, MEU CU III

Texto escrito para oito atores, sendo um narrador com o nome de Garganta [Arauto], um pau, uma princesa cu, um rei brioco, uma empregada cuneti, um rei da vibratória e os ovos 1 e 2. Usando movimentos expressionistas a cena deve ser feita em estilo pastelão.

A princesa cu e o rei brioco entram em cena pelo frontal direito e vão ao centro. A garganta vem do fundo direito e se localiza no frontal direito. A empregada cuneti sai do médio centro e vai para o frontal esquerdo. O pau e os ovos 1 e 2 ficam no fundo central agarrados, se locomovem para a frente até a boca de cena e retomam para o fundo de costas - saltitam o tempo todo no mesmo ritmo. O rei da vibratório entra pelo frontal direito e marca a sua presença com um ar de pompas depois sai em direção à princesa cu e desaparece na coxia frontal esquerda.

LUZES

Garganta:

Era uma vez, num reino distante chamado Catitas, uma princesa muito infeliz que vivia a suspirar pelos cantos, seu nome era Cu. Um dia seu pai, o Rei Brioco, decidiu dar uma festa para ver se sua filha ficava mais feliz, se saía daquela melancolia fuderal. Seria a festa do século. Tudo do melhor e do mais caro. Contratou o *buffet* do Sr. Boca; a orquestra do Laringe; os recepcionistas Sr. Olho Fiofo e Sra. Fiofôa e os decoradores: Mãos & Cia. Mas, espere um pouco, não falamos do Sr. Pau, o dono da leiteria. Logicamente, pois o ser mais intronmetido, safado, vulgar e malandro fora barrado em todas as festas do reino, pois sempre fazia estragos e também seus filhos, Ovo 1 e 2, que nunca desgarravam de seu pai, nem mesmo na hora da boquinha. Ao saber da festa o Sr. Pau ficou todo prosa, pois seria boca livre, e ele adorava comer, ainda mais de graça. Se arrumou todo, mas quando soube que não fora convidado ficou roxo de raiva.

Pau: Como é, caralho? Não fomos convidados para a festa da princesa? Eu o dono da única leiteria do reino, fiquei de fora? Mas isto não vai ficar assim; vamos meus filhos, já sei o que fazer para ir a esta festa.

Garganta: Enquanto isso no Palácio Nádegas, a princesa Cu, aflita com os preparativos, pois adorava dar festas, ou melhor, dar nas festas, perguntou ao Rei:

Princesa Cu: Será que vou desencalhar desta vez? Será que vou perder a minha bacurinha?

Rei Brioco: Calma minha filha, "paciência só os nobres possuem", há de chegar a hora para se esbaldar na festa.

Princesa Cu: Espero que desta vez o Sr. Pau não traga aqueles filhos dele, eles são um pé-no-saco.

Garganta: O pai vê a aflição da filha e diz:

Rei Brioco: Fique tranqüila, pois o Sr. Pau não foi convidado.

Garganta: A princesa fica puta.

Princesa Cu: O quê? E agora, quem irá me consolar? Eu estou puta, eu sou uma puta!

Garganta: O reino está em festa, é o grande dia da Princesa Cu. E ela grita a sua criada.

Princesa Cu: Cuneti, cadê essa pentelha que não vem me ajudar a pôr o vestido?

Garganta: Cuneti, em altas sacanagens com o cozinheiro Dedão ouve a princesa gritando e vai ao seu encontro.

Empregada Cuneti: Estou aqui, prontinha para atender a todas as suas necessidades.

- Princesa Cu:** Por que demorou tanto? Não importa, me ajude a fazer uma chuca.
- Garganta:** Enquanto isso no saguão do palácio, os convidados já estavam sendo recebidos pelos Sr. e Sra. Fiofô, a orquestra e o *buffet* já funcionando quando chega o Sr. Pau disfarçado de médico e seus filhos como enfermeiros entram na festa sem serem convidados.
- Pau:** Só quero comer. Onde está a Princesa Cu, aquela gostosona?
- Garganta:** Nisso, desce pelas escadas o Sr. Garganta anunciando aos convidados que o rei e a princesa estão vindo. Todos ficam pasmos ao ver a beleza da Princesa Cu. Mas é claro que depois de passar pelas mãos da Cuneti, o Sr. Pau já vai ao seu encontro, sem ser anunciado. A princesa já conhecia aquele disfarce, pois quando criança brincavam de médico nos galinheiros, estrebarias e chiqueiros do palácio.
- Pau:** Que bela noite princesa, mas com certeza não se iguala a sua beleza.
- Princesa Cu:** Obrigada, doutor. Logicamente estes agarrados ao Sr. são seus filhos.
- Pau:** Não, são meus auxiliares. Como eu gostaria de examinar a senhora, medir seus batimentos, tirar sua pressão... e lhe colocar um belo e grosso supositório.
- Princesa Cu:** Aqui? Agora? Não. Mais tarde. Agora tenho que receber os outros convidados.
- Garganta:** O Sr. Garganta anuncia os convidados: Sr. Estômago, Fígado, Intestino, Bexiga, Coração... o Dr. Médico. De que reino é o Sr. Dr. Médico?
- Pau:** Do Reino das Barbies.
- Garganta:** A princesa dá um sorriso de cair as pregas. Logo começa a dança e o Sr. Pau, fura a fila e vai dançar com a princesa.

Todos ficam enfurecidos ao ver a sessão esfrega-esfrega e chupa-chupa.

Pau: Oh, princesa, estou louco para examiná-la todinha e dar-lhe uma injeção de Pirocolina.

Princesa Cu: Mais devagar, os convidados vão notar e o senhor vai me deixar toda molhadinha. Pois bem, vamos então ao terraço, lá ficaremos mais à vontade.

Pau: Safada! Quenga. Você quer é se meter no meio das plantas, né?

Princesa Cu: Além de safado e gostoso, você lê pensamentos. Ordinário!

Garganta: Depois de meia hora sumidos da festa o Rei Brioco sai à procura da Princesa. Ao chegar no terraço ele se depara com o estrago já consumado.

Rei Brioco: Muito bonito! Agora só me resta uma coisa a fazer: o castigo.

Garganta: Como tudo já estava arrumado entre o rei e a princesa, o bobo do Pau caiu na arapuca.

Princesa Cu: Papai! Tudo menos isso, não, não. Oh!

Pau: O Majestade, pega leve, manera um pouco aí...

Rei Brioco: Comigo não e aproveito para desencahar essa daí também. É casamento! Pronto! Está decidido.

Garganta: O Sr. Pau bate em retirada, tenta fugir mas o rei manda prendê-lo.

Rei Brioco: Casa com a minha filha ou é preso por sacanagem explícita.

Pau: Tudo menos casamento! e minhas amiguinhas? Como vão ficar?

Garganta: O casamento fora marcado para o dia seguinte. Nova festa foi feita... Agora todo o rei no, fora convidado. Foram

feitas passeatas pedindo que o Rei perdoasse o Sr. Pau, logicamente feitas pelas suas "amiguinhas" inconsoláveis com tamanha sentença. Convidados chegando de outros reinos e entre eles havia um cavalheiro alto, forte, bonito, formoso, era o Rei da Vibratória. (O Rei da Vibratória entra em cena.) Ao ver o forasteiro a princesa fica loucona. Ao se dirigir à princesa, o Rei Vibrador fica ligado nela.

Princesa Cu: Suspendam o casamento! É com ele que eu vou casar! É ele que eu quero.

Garganta: O Rei Brioco na mesma hora pensa na possibilidade da união, de olho na fortuna do forasteiro e no bom partido para a sua filha. O rei que por sinal gostava do babadinho também, aceitou o pedido da filha.

Rei Brioco: Que seja feita a vontade da princesa. Minha apertadinha e arrombada Cu.

Garganta: Soltam o Sr. Pau. As mulheres da cidade ficam felizes como a princesa, que não desgruda do Vibrador, em altas fornicções.

Rei Brioco: O Sr. Pau será, daqui para frente, o meu camareiro de honra durante as 24 horas.

Ovos 1 e 2: Nós também papai?

Pau: Seremos os três Mosqueteiros, juntos venceremos o boiola Rei.

Garganta: Mas essa é uma outra história...

BLACK OUT



Foto: Vagner de Almeida

CENA 17

O FUZILAMENTO

Não há texto nesta cena. Todo elenco entra em cena em diferentes grupos. Um pelotão com quatro atores de fuzilamento são formados na boca de cena com arcos e flexas nas mãos. Um ator que representa um São Sebastião Gay esta no fundo do palco com um buquê de flores brancas na mão sobre o seu sexo. Um outro ator faz um Cristo deitado no chão sobre os pés de São Sebastião. Um outro ator carrega São Sebastião até o meio do palco e o levanta no final da cena. Os demais atores fazem um coro de esfarrapados sapateadores no final do palco com bandeiras de sacos de estopas. A musica russa intitulada "LE COCHER DE LA TROIKA" é interpretada por "PAUL MAURIAT". Após o término da canção há um BLACK OUT e os atores saem rapidamente de cena.

CENA 18

APRESENTAÇÃO FINAL

DOS ATORES

O texto é narrado no áudio tendo como fundo musical "FASCINATION", de "F.D MARCHETTI e M. de FERAUDY", interpretada por "ELIS REGINA". O elenco vai saindo das coxias com as suas grinaldas de plumas do início do espetáculo.

Narrador (no áudio):

Quer comprar algumas ilusões?
Levemente usadas de segunda-mão?
Elas foram adoráveis ilusões.
Alcançaram as alturas, construídas na areia.
Elas tinham um "Q" de paraíso.
Um fascínio que você não pode explicar.
Neste louco paraíso.
Você se apaixona e sofre.
Quer comprar algumas ilusões e são todas suas.
Eu as vendo todas por um centavo.
Elas são pequenas lembranças.
Levem minhas adoráveis ilusões.
Algumas por sorriso outras por lágrimas.
Boa noite!, senhoras e senhores, amigos e tolerantes.
Foi uma honra tê-los conosco em "CABARET PREVENÇÃO".
Nós gostaríamos de agradecer a todos vocês, pois esse foi
um projeto muito forte e árduo para nós, os homossexuais,
os que lutam pelos direitos humanos, as pessoas vivendo
HIV / AIDS e a luta contra a AIDS.
Que esse espetáculo contribua para dias melhores.

Boa noite!

As cortinas vão se fechando, as luzes vão desaparecendo e os atores bailam lentamente por todo o palco dando uma perspectiva de continuação do espetáculo.

FIM